

Identidades urbanas na era da gentrification: Rio, Paris e Nova York

Pedro Paulo Thiago de Mello

Doutor em Antropologia (Universidade Federal Fluminense, 2009). Atualmente é pesquisador do LeMetro/IFCS-UFRJ (Laboratório de Etnografia Metropolitana) e jornalista no jornal O Globo.

Resumo

O presente artigo discute aspectos de três pesquisas etnográficas realizadas em Botafogo (Rio de Janeiro) e Place d'Aligre (Paris) pelo autor, tendo como caso empírico de comparação a etnografia de Tolonda Tolbert sobre Prospect Lefferts Gardens, no Brooklyn nova-iorquino. Todas as três áreas passam por agudos processos de *gentrification*, o que tem gerado conflitos e proporcionado inesperadas afirmações sobre identidades culturais relacionadas a territórios urbanos e bairros. Também discute a contribuição epistemológica dos Estudos de Cultura Urbana para a reflexão sobre a cidade de pesquisas multidisciplinares, incluindo o campo das artes.

Palavras-chave: *Gentrification*, Identidades urbanas, Rio, Paris, Nova York.

Abstract

This article discusses aspects of three ethnographic researches: Botafogo (Rio de Janeiro) and Place d'Aligre (Paris) by the author, in comparison with Tolonda Tolbert's ethnography of Prospect Lefferts Gardens, a neighborhood in Brooklyn, New York. All three areas are going through an important process of gentrification, which has generated conflicts between residents and unexpected claims about cultural identities related to neighborhoods and urban territories. The article also discusses the epistemological contribution of Urban Culture Studies to the observation and analysis of complex urban issues.

Keywords: Gentrification, Urban Identities, Rio, Paris, New York.

INTRODUÇÃO

O presente ensaio trata da discussão de identidades culturais urbanas constituídas em um enclave de Botafogo, na zona Sul do Rio de Janeiro; na região da Place d'Aligre, no 12^{ème} *arrondissement* de Paris; e em uma área de Prospect Lefferts Gardens (PLG), no Brooklyn nova-iorquino. Estes trechos de bairros, localizados em três países dessemelhantes entre si, vivem em comum um aguçado processo de *gentrification*¹ (GLASS, 1963), que ganhou corpo a partir das últimas décadas do século passado². A espinha dorsal dessas pesquisas foi o trabalho de campo, a partir da observação direta, da observação participante e do mergulho no cotidiano dos residentes das regiões investigadas.

A partir da etnografia foi possível empreender uma análise dos fenômenos urbanos mediante o diálogo com disciplinas e saberes sobre a cidade. Sem contradição com a dialética colocada pela ordem social, pode ser frutífero observar tais ocorrências pelo microscópio da vida cotidiana, buscando perceber como os atores incorporam, interpretam e reagem criativamente às contingências sociais. Ou seja estes não são meros agentes passivos tangidos pela ordem estrutural da sociedade. Para falar como Isaac Joseph, há uma sociologia nestas interações do dia a dia que merece ser analisada (JOSEPH, 2001).

Os processos urbanos apresentam novas complexidades bem como aprofundam antigas neste início de século XXI. A hegemonia do capitalismo em sua fase neoliberal consolidada a partir do marco simbólico da queda do Muro de Berlim, aliada ao surgimento de tecnologias sem precedentes, como a internet e a robótica, possibilitaram o fenômeno da globalização com efeitos sobre todas as áreas humanas, do mercado de trabalho à administração das metrópoles. Por outro lado, apesar dos ajustes cognitivos necessários à chamada “era digital”, em que as relações humanas se expandem para campos iné-

¹ Conceito criado por Ruth Glass para se referir à substituição da população original por outra, invasora, de maior renda.

² Os dados etnográficos referentes a Botafogo e Aligre provêm de pesquisa de pós-doutorado, realizada em 2011 no âmbito do acordo Capes-Cofecub e incluiu uma etapa de pesquisa em Paris financiada por bolsa da Capes. Registro aqui os devidos agradecimentos à Capes e aos coordenadores do projeto Capes-Cofecub na ocasião e meus orientadores, os professores doutores Marco Antonio da Silva Mello (LeMetro/IFCS-UFRJ e PPGA-UFF) e Laurent Thévenot (EHESS-GSPM).

ditos por meio da realidade virtual, nunca se valorizou tanto a vivência local, como forma de diferenciação cultural num mundo extremamente conectado.

Do ponto de vista epistemológico, tal complexidade estimulou formas multidisciplinares de olhar a cidade que derivam ou se somam a métodos consagrados,³ como a Ecologia Humana (PARK, 1967; PIERSON, 1970), ritos de interação (GOFFMAN, 1999; 1963; 1967), usos de linguagem, análise de histórias de vida, perspectivas comparadas, entre outros. A riqueza do debate urbano e seus desdobramentos inesperados permitem até mesmo interlocuções proveitosas com a arte conceitual, a literatura, a poesia, a música, o cinema etc. Este diálogo vem sendo realizado pelos chamados Estudos de Cultura Urbana (MONCHEDJIKOVA, 2013), que se debruçam sobre variadas narrativas acerca da cidade, compondo uma abordagem que ilumina vislumbres da realidade social em sua multiplicidade. São em suma, leituras que emergem de um mundo complexo e multifacetado.

Este é o caso, por exemplo, de Tolonda Tolbert, que recorreu à literatura comparada, estudos de performances e à própria Antropologia para analisar uma área do Brooklyn que reúne distintas interseções culturais (TOLBERT, 2013). A pesquisadora faz uma leitura das performances de engajamento para obter *insights* “daquilo que está em jogo” na proximidade física com o outro em áreas ocupadas por grupos distintos em meio a processos de desenvolvimento urbano (Idem, p. 119), isto é, em rápida transformação.

A pesquisa sobre Botafogo e Aligre seguiu um caminho diverso, partindo da análise ecológica, como delineada por Robert Ezra Park e seus colegas de Chicago (*Op. cit.*), assim como o olhar interacionista proposto por Erving Goffman (*Op. cit.*). A abordagem pragmatista me pareceu adequada, no mínimo, por reforçar a noção de que os atores atuam, interferem e transformam o dia a dia com suas estratégias de ação, seus conflitos e suas leituras da realidade. Sabem se posicionar segundo as situações em que es-

³ Apesar de pressões ideológicas, no sentido de formulações de crítica social, os métodos em Ciências Sociais tendem a ser utilizados cada vez mais como ferramentas que o pesquisador escolhe conforme as determinações empíricas. Inverte-se, assim, a ordem das coisas: em vez de levar ao campo uma explicação filosófica da realidade, opta-se por deixar que as situações sugiram as abordagens teóricas apropriadas para a descrição e análise pretendidas. É desse modo, ademais, que se pode construir uma crítica social enraizada no cotidiano das pessoas.

tão inseridos e possuem variados repertórios de ações e atitudes que utilizam de modo automático segundo as conveniências das experiências compartilhadas com os outros.

Tal abordagem tem a vantagem de se desembaraçar de certo determinismo ideológico no processo de pesquisa, que, ao fim e ao cabo, termina por minar exatamente seu propósito como instrumento de denúncia de iniquidades sociais. Não se trata de ignorar ou minimizar a crítica social, mas situá-la onde aparece, como questão, para os atores sob investigação. Isto significa, como sugere Howard S. Becker (1999), deixar que o campo aponte as questões que são pertinentes e não o inverso. A partir da percepção das representações e dos valores morais que tomam vida nas situações cotidianas é possível compreender como os processos sociais mais abstratos e invisíveis ganham a forma concreta das relações sociais.

Por esse caminho, a etnografia põe carne e sangue na ossatura da grande ordem social. Trata-se de uma densidade que ganha corpo a partir da observação e interação com os atores no campo, indo bem além de mero empirismo, no sentido de um impressionismo antropológico. No caso das etnografias em Botafogo e Aligre, tal encontro me colocou diante das ações e discursos dos atores desses bairros, fossem eles moradores tradicionais ou residentes recém-chegados. Isso permitiu observar as arenas públicas, no sentido que Daniel Cefaï dá à expressão (2002), que surgiram de interseções, desencontros, contrastes, conflitos expressos por meio de justificações morais (THÉVENOT e BOLTANSKI, 1991) reconhecidas tanto pelos atores envolvidos, como por aqueles outros, testemunhas das situações.

O vínculo com o samba, no caso carioca, apareceu em vários momentos como um elemento forte de ligação cultural e identidade no bairro para os moradores mais antigos estabelecidos na região a partir da primeira metade do século XX. No caso de Aligre, a brevidade do tempo disponível para a etnografia permitiu-me apenas delinear os variados grupos sociais que convivem na região, bem como o choque de sonhos e visões de mundo entre eles, material suficiente para uma perspectiva comparada com Botafogo. Para isso, investi nas instituições associativas do bairro, acompanhando suas atividades

de conagraçamento, e nas interações nos espaços públicos compartilhados, como o mercado coberto, a feira, a praça e os cafés e bistrôs.

Devido às limitações de espaço que um artigo impõe, não vou proceder aqui a um meticuloso relatório etnográfico, mas simplesmente tecer algumas considerações gerais que o trabalho de campo permitiu observar em Botafogo e Aligre, relacionando-as às observações de Tolbert em seu artigo sobre o Brooklyn.⁴

Botafogo

Foram vários os estímulos para o movimento de substituição da população “nascida e criada” em Botafogo por uma leva de moradores mais ricos que se instalou, na maior parte dos casos, em novos condomínios “fechados e exclusivos” erguidos a partir da demolição do casario antigo do bairro. Vilas, casas, sobrados, galpões e prédios de poucos andares, sem elevador, deram lugar a construções com padrão arquitetônico semelhante: a colocação de grades isolando da calçada e da rua a construção; pelo menos dois andares de garagem, *playground* com instalações variadas para o lazer: piscina, sauna, jardins com bancos, lavanderias, pátio com brinquedos infantis, bar, salões de festa, churrasqueiras entre outros equipamentos típicos de clubes sociais. Por outro lado, os apartamentos tendem a ser extremamente exíguos em sua divisão interna, com pé-direito baixo e varanda. Segundo o *marketing* dos panfletos das imobiliárias, seus condomínios são uma forma de habitar que além de um espaço de moradia oferecem uma “experiência” de sofisticação e segurança, provenientes da oferta de serviços que reduzem a necessidade dos residentes circularem pelo bairro.

Em contraste com o processo de *gentrification* em Aligre, a substituição da população em Botafogo veio acompanhada pela demolição do conjunto arquitetônico pré-construído, tornando mais dramática e evidente a transformação da região. O impacto dessa mudança foi particularmente agudo no enclave composto pelas ruas da Passagem, Álvaro Ramos, Ar-

⁴ Um relato mais completo sobre as etnografias de Botafogo e Aligre poderá ser encontrado no ensaio “Botafogo e Aligre: Sotaques da gentrificação” (THIAGO DE MELLO, 2015).

naldo Quintela e General Polidoro e suas transversais, tomadas como o espaço de pesquisa.

A área permanecera relativamente preservada da onda de construções que tomou conta do resto do bairro (e da cidade) durante os anos 1990 devido às incertezas geradas pela possível abertura de uma saída do Metrô à rua Álvaro Ramos. As imobiliárias e os incorporadores em suas prospecções por bons negócios, preferiram não investir na aquisição de terrenos nessa área e correr o risco de tê-los desapropriados pelo Poder Público para a eventual construção de uma estação de Metrô. Quando, enfim, definiu-se de uma vez por todas que tal projeto não seria realizado, as construtoras encontraram um campo fértil para investir, num bairro já completamente saturado de condomínios.

Com a economia a pleno vapor, aumentaram os investimentos da Prefeitura em equipamentos urbanos no bairro. Por outro lado, a autoridade municipal e o corpo de vereadores instituíram gabaritos, limitando o número de pavimentos a dez andares, e a obrigatoriedade de ampliação das calçadas. Além disso, as construtoras foram beneficiadas por uma conjuntura extremamente favorável. No espaço de dez anos, o enclave de nove ruas viu surgir mais de 20 condomínios na área. Até hoje, o bate estaca das construções ecoa pelo bairro, atiçando sentimentos contraditórios em seus residentes, que veem a paisagem mudar.

No plano estadual, o governo atacou o problema da segurança pública, investindo em pacificação de favelas, mediante as chamadas UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora). Isso gerou, pelo menos num primeiro momento, a percepção de uma redução dos níveis de delinquência nas ruas de Botafogo, onde a favela Santa Marta foi a primeira a receber uma UPP (MELLO e CUNHA, 2012). Fonte de notícias de crime e tráfico de drogas, a favela ocupa um lugar negativo no imaginário urbano carioca, como atestam, por contraste, eufemismos de toda sorte, como “comunidade”, “parque proletário” e “bairro popular”, ou mesmo os termos técnicos da burocracia estatal, como a definição dada pelo IBGE de “aglomerado urbano subnormal”. E, apesar disso, a favela faz parte da paisagem urbana carioca, inclusive em bairros ditos de “classe média”, como é o caso da Santa Marta em Botafogo.

Pode-se imaginar, assim, a força que a ideia de pacificação da Santa Marta teve sobre a cidade em geral, e Botafogo, em particular. Quase que por encanto disseminou-se a percepção de que a paz que a ocupação levava à favela se estendia ao resto do bairro. Do mesmo modo, uma noção de integração entre morro e asfalto, embora precária e desconfiada, apareceu com certo ânimo nos discursos, a partir da formalização de escrituras de terrenos e mediante programas de substituição de eletrodomésticos e normalização dos fornecimentos de serviços públicos, especialmente energia elétrica. A Santa Marta tornou-se um ponto turístico. Mesmo assim, considerando o princípio de realidade, a permanência de preconceitos longamente assentados na sociedade brasileira e as distâncias sociais contradizem estas representações de feliz integração.

Na esfera federal, estímulos a programas de habitação, como o Minha Casa Minha Vida, e concessão de alívio fiscal a imobiliárias e incorporadoras, com o objetivo de gerar emprego na construção civil, se somaram à mudança da legislação que regula os contratos de aluguel comercial e residencial, tornando mais ágil a retomada de imóveis e precária a posição dos inquilinos. A justificativa dos parlamentares que apresentaram a proposta de lei para a fragilização da posição dos inquilinos era a de que a medida descongelaria o mercado de aluguéis ao torná-lo mais ágil, resultando no aumento de oferta e consequente redução de preços. O que se viu, porém, foi o oposto. Houve uma onda de despejos, os preços dos aluguéis dispararam e os locatários ficaram extremamente vulneráveis.

Todos esses elementos combinados impulsionaram o processo de demolições de casas, vilas, prédios antigos, galpões entre outros tipos de imóveis tradicionais, que deram lugar a condomínios vendidos com a promessa de proporcionarem “uma experiência de exclusividade” (THIAGO DE MELLO, 2015). Conforto, luxo e segurança se tornaram uma espécie de código que designava igualmente o *status* de seus moradores. Autossuficientes, essas construções ofereciam ainda serviços como lazer (piscina, *playground*, sauna, bar, salões de festa, jardins, churrasqueiras, área infantil e variados serviços).

A lógica por trás dessas representações é simples: a cidade é um lugar perigoso e hostil, portanto é uma vantagem que o condomínio, lugar privado, fe-

chado e protegido, ofereça serviços e produtos que possam suprir as necessidades do residente sem que ele tenha que recorrer ao comércio do bairro. Nos prospectos publicitários de alguns desses projetos imobiliários é sugerida, implícita ou explicitamente, a ideia de que se trata de um bairro dentro do condomínio. Assim, não estamos falando apenas de um conjunto de imóveis, mas de um estilo de morar, adequado à identidade de seus residentes, que em geral se referem a ela como um estilo sofisticado, moderno e individualizado em contraste com formas de habitar mais coletivas, pobres e precárias. Marco Antonio da Silva Mello, ao se referir ao conjunto habitacional Selva de Pedra, nos mostra que a ideia de morar nesses condomínios faz parte de um projeto de vida para seus residentes que vai além do aspecto puramente material (MELLO, 2001).

Composto por pessoas da chamada “classe média alta”, os residentes que foram se instalando nos condomínios recém-construídos no bairro, trouxeram consigo em geral uma visão de mundo mais individualista, se comparada à dos moradores tradicionais do bairro, onde todos se conhecem e participam em algum grau da vida uns dos outros. Assim, o processo de aburguesamento de Botafogo não se tratou de mera substituição de população de renda inferior por outra com uma situação financeira mais estável e próspera, mas de um desencadeamento mais complexo de transformação da morfologia social da região, inclusive em seus aspectos subjetivos, isto é, no que se refere aos sonhos e expectativas dos moradores em relação ao bairro.

Embora generalizações sejam perigosas, pode-se dizer que as áreas populares de Botafogo guardam um vínculo forte com a história da região e suas raízes. Vínculo que aparece nos discursos e em expressões que denotam orgulho, como “nascido e criado”. Por outro lado, os recém-chegados se voltam para uma ideia de futuro, veem a si próprios — e são vistos por antigos residentes de maior poder aquisitivo e representantes do Poder Público e do mercado imobiliário — como agentes de transformação e melhoramento do bairro. As expressões valorizadas se voltam, portanto, para um futuro promissor e próspero, em adjetivos como “renovação”, “melhoria” e “modernização” de Botafogo.⁵

⁵ Se o passado emerge na forma de narrativas sobre mitos fundadores do bairro, o futuro constrói um enredo no gerúndio, sempre prestes a se completar.

Dona Marly, de 72 anos, uma antiga moradora do bairro de renda estável, não se incomoda com a abrupta substituição de antigos sistemas construídos por novos projetos imobiliários. Ela aprovou a demolição de uma série de oficinas e duas vilas em sua rua, para dar lugar a um imenso condomínio luxuoso de dez andares. Indagada se não temia que a rua ficasse mais isolada, sem o burburinho dos antigos comércios e vilas, ela se mostrou surpresa com a pergunta: “Aquela bagunça é que era perigosa, juntando mendigo, morador de rua e pivete. Agora vai ter ordem.” Vê-se, portanto, que, na lógica defensiva, a heterogeneidade social sugerida por Jane Jacobs, como fator saudável para a vida urbana, não faz sentido (JACOBS, 2001). Além disso, mostra que a “cidade partida”, de que nos fala Zuenir Ventura, não é apenas o resultado de políticas públicas, mas tem raízes profundas em preconceitos sociais, amplamente disseminados (VENTURA, 1994).

A associação da pobreza à ideia de caos, sujeira e perigo não é incomum. A representação de riqueza, inversamente, se liga a noções de organização, limpeza e pureza (DOUGLAS, 1966). Um sistema abastecido de serviços públicos, um cotidiano seguro e ordenado, a família nuclear e um modo de vida essencialmente individualista, reforçando a noção surgida na modernidade de “sujeito”, isto é, alguém pleno de subjetividade. O oposto do olhar que se deita preconceituosamente sobre as áreas “infestadas” por pessoas “mal-educadas”, “sem escolaridade”, “perigosas” e emboladas numa convivência coletiva e “promíscua”, onde a família extensa ainda prevalece como modo cultural dominante. Isto gera um tipo de convivência em que todos se envolvem mais diretamente na vida uns dos outros, por meio de ritos de interação e repertórios de atitudes que valorizam formas tradicionais que ganham vida em expressões como “consideração” e “respeito” e em antônimos, como “esculacho” (PIRES, 2011). São estratégias de coletividade para sobreviver às intempéries.

Essas generalizações e dualidades, é preciso ressaltar, são extremamente precárias como categoria de análise e quase sempre acabam desmontadas à medida que o trabalho de campo se desenrola permitindo emergir complexidades menos perceptíveis ao olhar superficial. Porém, embora sejam construções estereotipadas, essas representações aparecem com fre-

quência como categorias nativas. São discursos percebidos e vividos como reais e, portanto, como diria o nosso caro William James, são reais em suas consequências.

A questão da insegurança atrelada à pobreza é central nos discursos dos residentes que se identificam com os novos moradores do bairro. E os condomínios fechados que proliferaram na região, com sua estrutura defensiva em relação ao bairro, de certo modo respondem a uma demanda (ou talvez mesmo a gerem enquanto engrenagens que vendem concepções de modos de morar) de enobrecimento do bairro.⁶ O condomínio fechado é o resultado físico de uma visão de cidade ou, nas palavras de Antonio Risério:

Do ponto de vista físico, um segmento do espaço urbano com habitações protegidas por trincheiras, cercas, alarmes, sensores, câmeras, muros ou grades. Mas o ponto de vista físico não dá conta de seu significado social e cultural. O condomínio fechado além de pertencer ao espaço antes específico da engenharia de guerra, é expressão visível de uma realidade imaterial. Cristaliza, no espaço da cidade, uma nova visão ou ideologia da violência urbana, da segurança pública e do medo. Esses condomínios instituíram novos focos ou uma nova modalidade de segregação socioespacial nas principais cidades do país. (RISÉRIO, 2012, p. 306)

Bem antes da definição de Risério, porém, os pesquisadores do Centro de Pesquisas Urbanas do IBAM, envolvidos no complexo estudo “Quando a rua vira casa”, pioneiro tanto por seu caráter multidisciplinar bem como pelo tipo meticuloso de etnografia urbana nele desenvolvida (SANTOS, VOGEL e MELLO, 1981), já haviam apontado o dilema entre a rua tradicional e o condomínio fechado como representações extremas de sociabilidade urbana, sem, no entanto, cair em maniqueísmos simplificadores:

A lição que tiramos da análise detida do Catumbi e da Selva de Pedra, nos diz em primeiro lugar, que só podemos compreendê-los enquanto tipos e modos de vida urbana, quando os vemos na posição relativa

⁶ Ou seja, para eles, *gentrification*, ao contrário do uso irônico proposto por Ruth Glass em 1963, quando inventou o neologismo, tem uma conotação positiva. Concepção, diga-se de passagem, que alicerça os discursos e as justificações morais de atores como o Poder Público e os agentes imobiliários.

que ocupam sobre o eixo contínuo da evolução do Rio de Janeiro. Aí um dos polos pode ser representado pelo Catumbi. É o Rio do século XIX, que continua a existir fragmentariamente nesse tipo de centro de bairro, cada vez mais confinado e identificado com o gênero de vida que a Zona Sul rejeitou. No outro estariam os condomínios exclusivos que pululam na Barra da Tijuca e são o lugar-comum mais recente do *marketing* habitacional da modernidade, apregoada como concepção de vida. A incorporação a esse meio urbano se fez através da propriedade imobiliária. Para ser cidadão, nesta “cidade feita sob encomenda” e que “você compra pronta”, é preciso antes corresponder a uma ficção do planejador, do arquiteto e do empresário que lhe oferecem essa “opção irresistível.” (SANTOS, VOGEL e MELLO, 1981, p. 140).

Na verdade, a rejeição da Zona Sul ao estilo, digamos, “Catumbi”, embora permaneça vigorosamente impregnada no imaginário da população carioca, parecia ser mais evidente nos idos dos anos 1970-80, quando a pesquisa de campo para o IBAM foi realizada. De lá para cá, cresceu também a parcela da população que valoriza o estilo de vida “mais puro” e “humano” da proximidade entre vizinhos. De lá para cá, cresceu também a parcela da população que valoriza o estilo de vida “mais puro” e “humano” da proximidade entre vizinhos. Nesse sentido, aos olhos de muitos residentes “nascidos e criados” (SIMÕES, 2010), os recém-chegados são “invasores” de Botafogo, que se multiplicam em meio à especulação imobiliária, pondo em perigo, com seus valores individualistas, não só as tradições e raízes do bairro, mas sobretudo essa forma próxima de morar.⁷

Segundo certo segmento de imprensa, cujos leitores podem ser classificados predominantemente como sendo da “Zona Sul”, as mudanças recentes estão transformando Botafogo numa espécie de SoHo carioca, em referência aos bairros *chic* de Manhattan, em Nova York, e de Londres (LEMONS, 2014; BALSTON, 2015). As reportagens de Renato Lemos e Catherine Balston, no

⁷ Há inclusive um movimento crescente de jovens, solteiros ou casais sem filhos de renda média e escolaridade universitária, que buscam um estilo de vida mais “comunitário” e “saúdável” em áreas consideradas tradicionais, sobretudo no Centro da cidade e em bairros heterogêneos na Zona Norte. São em geral, áreas identificadas com raízes populares (rodas de samba, boemia etc.) e de tradição histórica, como, por exemplo, a zona portuária do Rio, com fortes referências históricas afrodescendentes. Essa busca e as contradições sociais que gera são recorrentes em Paris, como veremos no caso de Aligre e foram bem estudadas por Chalvon-Demersay (1984).

entanto, incomodaram alguns moradores pelos estereótipos que emergem de ambos os textos, como certas representações de sofisticação, ligadas não apenas à ideia de bairro *cool* e sofisticado, como o SoHo, mas igualmente aos hábitos de consumo: livrarias, cinemas, barzinhos especializados (em gastronomias específicas, cervejas, vinhos etc.) e programas culturais. Mas igualmente, por contraste, em relação às imagens associadas aos moradores tradicionais, como suburbanos em plena Zona Sul da cidade.

Segundo a mentalidade racionalista do urbanismo carioca, a história da ocupação territorial da Zona Sul, tendo o Centro da cidade como ponto de partida, acabou por colocar Botafogo no meio do caminho. Tal posicionamento, mais simbólico do que geográfico, pode ser resumido numa das expressões que define o bairro: “de passagem”. Como ponto de ligação entre o Centro e a valorizada orla da Zona Sul, Botafogo permaneceu durante décadas visto como uma espécie de Zona Norte — com sua representação de “subúrbio”, comunidade, ruralidade, *Gemeinschaft*, mas igualmente pobreza — na Zona Sul. Mais pesado do que “Zona Norte”, porém, é o simbolismo que a expressão “de passagem” carrega. Implica de cara uma certa precariedade, algo que está continuamente em mutação e que, portanto, não é confiável. Um lugar para passar, não para morar.

Durante décadas, Botafogo foi o ponto final do Metrô na Zona Sul, reforçando seu papel de área de conexões e ligações com outras partes da cidade. O bairro funcionava sobretudo como uma fronteira moral da “cidade partida”, demarcando fisicamente margens subjetivas e distâncias sociais. Esta condição de caminho entre o Centro e a orla também tornou a região relativamente invisível aos olhos do Poder Público, dos planejadores urbanos e do mercado imobiliário, que preferiram se voltar para bairros como Copacabana, Ipanema, Leblon, Gávea e Jardim Botânico, verdadeiros objetos do desejo das elites e das chamadas “classes médias”.

Quanto à renda média de sua população, Botafogo se desenvolveu, ao longo do século passado, como bairro proletário de classe média baixa. Abrigou um amplo e variado comércio de proximidade e desenvolveu um conjunto construído que estimulava o contato entre seus residentes. O dia a dia em

suas calçadas, praças e becos era em geral marcado por uma vivaz interação entre os “usuários” do bairro, para recorrer a uma expressão cunhada por Michel de Certeau (2003). No campo cultural, desenvolveu-se uma forte identidade relacionada ao samba e ao futebol.

Com relação a este último, a recuperação da sede do Botafogo de Futebol e Regatas, o palacete de General Severiano, é uma narrativa mítica que os torcedores do clube contam e recontam, relacionando a agremiação como um patrimônio do bairro. Com o imóvel vendido à Vale em 1976 por um ex-presidente, o clube ficou sem um campo de treinamento no bairro que lhe dera o nome. Coincidentemente, o Glorioso viveu décadas de decadência, após a desastrosa operação. E justamente, após o período de ouro do time, nos anos 1960-70, quando teve, em seu elenco, nomes como Garrincha, Nilton Santos, Gérson, Zagallo, Jairzinho, Amarildo e Manga. Assim, com a volta da sede para o palacete, em 1994, desfez-se o sortilégio e o Botafogo reencontrou o caminho de casa.

Mas é o samba que agrega a Botafogo sua identidade singular, diferenciando-o dos vizinhos. Além de ser o único bairro da Zona Sul que abriga uma escola de samba, Botafogo mantém até hoje um calendário de atividades e eventos que reforçam esses laços. Tem em sua velha guarda personalidades conhecidas do bairro, como Vavá, Mical, Adelina e outros. O Cantinho da Fofoca, uma pensão que funcionava como bar e possuía uma “frente de quintal”, abrigou, dos anos 1950 a 1980, uma das principais rodas de samba de terreiro da região. A única da Zona Sul a ter importância como tal (ZELAYA, 2015).

A praça Mauro Duarte, por sua vez, nomeada em homenagem ao grande compositor, é palco de iniciativas culturais populares o ano inteiro, como carnaval, festas juninas, rodas de samba, capoeira, entre outras atividades. Por acolher uma comunidade sul-americana, sobretudo uruguaios, paraguaios e argentinos, o bairro também tem uma forte ligação com tradições culturais desses países, como, por exemplo, os tambores de candombe. Nas vilas e sobrados, saraus, rodas de chorinho e samba e MPB também são extremamente frequentes. Mas é o samba que domina nas áreas mais populares.

Com o processo acelerado de *gentrification* do bairro, parte desses eventos culturais e expressões artísticas estão sendo substituídos por novos hábi-

tos, considerados mais “sofisticados”, como vimos, pela imprensa. No plano gastronômico, botequins dão lugar a barzinhos pés-limpos; cervejarias artesanais; restaurantes especializados em cozinhas exóticas. No plano cultural, o surgimento de casas de *shows* abre espaço para o jazz, o rock e performances contemporâneas. Além disso, há outras atrações como cinemas, teatros, livrarias sofisticadas, que atraem um público distinto e com dinheiro.

Se, por um lado, ainda é possível observar a convivência dessas expressões variadas compartilhando o mesmo território, por outro, do choque de visões, às vezes emergem conflitos interessantes em suas consequências, pois obrigam de algum modo os atores a dar tratos à bola sobre essas diferenças de percepções, enriquecendo e aguçando as sensibilidades culturais.⁸ O problema é que a velocidade do processo parece indicar que não se trata da formação de um território heterogêneo e culturalmente diverso em sua morfologia social, mas sim de uma substituição pura e simples de população.

Project Lefferts Gardens (Brooklyn, NYC)

Tolonda Tolbert se debruçou sobre o que ela própria denominou de “guardiões” do Project Lefferts Gardens (PLG). Antes de sua constituição atual, a região foi ocupada predominantemente por profissionais liberais de classe média e empregados de empresas, a maioria deles brancos, oriundos de famílias de imigrantes holandeses, irlandeses e italianos, que ali se estabeleceram a partir das primeiras décadas do século XX. Em meados dos anos 1940, após o fim da Segunda Guerra Mundial, com aumento vertiginoso da densidade populacional das metrópoles americanas, os residentes do bairro acompanharam a tendência nacional de transferência para os subúrbios das grandes metrópoles, considerados mais tranquilos e seguros.⁹

O vazio gerado por este movimento acabou por reduzir o custo de vida no bairro, que foi sendo paulatinamente ocupado por uma população de baixa renda especialmente negros e imigrantes oriundos da região do Caribe. De certo modo, deu-se o inverso do que se classifica hoje como *gentrification*:

⁸ Exatamente um dos efeitos positivos da heterogeneidade observados por Jacobs (*op. cit.*).

⁹ Invertendo a concepção dominante no início do século XX em que os grupos de renda mais precária se instalavam nos subúrbios e periferia.

com o custo de vida mais barato, a região atraiu populações com menor poder aquisitivo. Este ciclo de ocupação territorial se deu de tal forma que, a partir dos anos 1960, o bairro tornou-se predominantemente negro, composto por imigrantes com raízes no Caribe.¹⁰ Tal processo, explica Tolbert, não foi pacífico. Houve conflitos e disputas, antes que a nova configuração sociocultural se estabilizasse como dominante (TOLBERT, 2013).

Nos últimos anos, porém, inverteu-se o processo mais uma vez, acompanhando o aburguesamento do Brooklyn. Assim, mais que classificar como *gentrification*, considerando-se os ciclos históricos de ocupação da região, é melhor observar este fenômeno pelo viés ecológico, como propôs Park: ciclos de invasão, conflito, sucessão e dominância, num processo ora acelerado ora estável, mas sempre constante. Nas palavras de Park: “Parece que o estudo da sucessão não envolve apenas o ciclo da vida dos tipos individuais de instituição e sociedade, mas afinal um estudo dos processos pelos quais, finalmente, uma nova ordem social emerge do seio da antiga.” (PARK, 1970, p. 324).

E mais:

Abordando o estudo da sociedade pelo aspecto apresentado pela sua subestrutura biótica, a Ecologia Humana presume que a origem da mudança social, se fosse possível traçá-la até sua fonte, achar-se-ia na luta pela existência e no crescimento, na migração, na mobilidade e na distribuição territorial e ocupacional de povos que esta luta produziu. A Ecologia concebe a sociedade como sendo fundamentalmente uma organização tanto territorial quanto cultural. Na medida em que esta concepção é válida ela presume que a maior parte, senão todas as mudanças culturais na sociedade, estão correlacionadas com as mudanças em sua organização territorial e que toda mudança na distribuição territorial e ocupacional da população ocasionará mudanças nas culturas existentes (idem, p. 324-325).

Os territórios urbanos, por esta ótica, estão em constantes transformações engendradas por uma relação dialética com forças sociais econômicas e políticas. A análise dos conflitos que estes processos sociais põem em evidência

¹⁰ É interessante observar que a questão étnica aparece com mais frequência nos discursos dos residentes do PLG e em Alegre, do que em Botafogo, onde o nível social é o elemento mais destacado, reforçando a percepção de que a questão racial — e o racismo — no Brasil continuam sendo um problema latente.

é fundamental para uma caracterização dos modos particulares como os atores envolvidos reagem de forma original. É esta originalidade que permite vislumbrar a extensão da criatividade humana diante das vicissitudes da realidade social.

Nesse sentido, Tolbert nos mostra que, nos últimos dez anos, a região atraiu um grupo crescente de negros de classe média alta, que se instalaram organizados em famílias nucleares ou residentes individuais, de perfil tanto heterossexual como LGBT. Mas também cresceu velozmente a miscigenação dessas famílias, dando ao bairro um ar de espaço multirracial (*Op. cit.*).

Em sua etnografia, a pesquisadora se volta para o grupo de homens negros que ocupam a calçada à saída do Metrô que dá entrada para as ruas do PLG. Classificados por ela como *gatekeepers* (“guardiões da entrada”), porque eles se veem como sentinelas do bairro, esses atores formam um corredor humano à saída do Metrô, pelo qual os transeuntes que por ali saem têm que passar para acessar o bairro. Essa convivência na calçada mantém o grupo informado do que ocorre em PLG. Trata-se de histórias que são contadas e por meio das quais os atores reafirmam seus valores, raízes étnicas, história no bairro, entre outros valores que são cotidianamente reiterados. Nas palavras de Tolbert: “Neste reino da calçada, aqueles com maior habilidade para contar histórias possuem o maior ativo social e são vistos como figuras de autoridade.” (Idem, p. 125 – tradução nossa).

A explosão da bolha imobiliária americana, em 2006, e a crise econômica global que se seguiu, em 2008, explica Tolbert, teve forte impacto sobre as famílias mais pobres do bairro, levando muitos deles a retornarem para o Caribe e abrindo espaço para a chegada de residentes com maior poder aquisitivo. Segundo a pesquisadora, a sensação oriunda do risco de deslocamento forçado pelas circunstâncias econômicas e a falta de políticas públicas em prol de moradias populares reforçou entre os residentes antigos do bairro a necessidade de marcar culturalmente o território.

Isso levou a ações de hostilidade contra novos residentes ou qualquer um percebido como uma ameaça aos valores culturais do PLG. Tolbert classifica a presença desses “guardiões” à saída do Metrô como uma performance nesse sentido. É como se a aglomeração de homens, como que formando

um simbólico “corredor polonês”, servisse como um sinal de proteção da área. Não é incomum que o grupo de homens até mesmo fechem a passagem, gerando conflitos com novos residentes e contrariando a legislação municipal, que proíbe o impedimento do livre transitar pelas calçadas.

Além disso, a comunicação entre os “guardiões” se dá por meio de dialetos de origem afro-caribenha. O dialeto aparece aqui, portanto, como uma forma de identidade cultural e expressão de nacionalidade, “que serve tanto para indicar vínculos de parentesco, como para excluir, criando simultaneamente uma intimidade e uma distância, dependendo do nível de alfabetização cultural” (idem, p. 128 – tradução nossa). A pesquisadora, no entanto, afirma que em seu trabalho de campo nunca presenciou a escalada de conflitos entre os distintos grupos de residentes ao ponto de uma confrontação física.

Aqui é possível fazer uma comparação entre o uso do idioma como um demarcador cultural que separa “nós” e “eles” no território do PLG e as histórias do samba em Botafogo. O domínio da língua se compara ao conhecimento das histórias de raízes do bairro carioca em torno do ritmo que ganhou *status* de identidade nacional (VIANNA, 1999). As histórias que são contadas às mesas de botequins em Botafogo ou nas esquinas do Brooklyn reforçam laços de pertencimento, ritualizam interações que confirmam engajamentos e criam patrimônios. Todos esses elementos dão autoridade àqueles que dominam essas linguagens, sejam o samba de Botafogo ou os dialetos caribenhos do bairro nova-iorquino.

Place d’Aligre (12^{ème} arrondissement, Paris)

Ao iniciar o trabalho de campo em Aligre uma categoria nativa se impôs: a expressão *bobo* (pronuncia-se: bobô), a contração de *bourgeois* e *bohème*, burguês e boêmio em francês. O termo foi inventado pelo jornalista americano David Brooks (colunista do *New York Times*) para se referir exatamente ao americano branco, culto (nível universitário) e jovem, que retornava dos subúrbios para os grandes centros urbanos. Brooks via nessa personagem uma união improvável, pois burguês e boêmio, segundo ele, eram tipos culturais irreconciliáveis (BROOKS, 2000). Brooks, que passara um longo período como

correspondente na França, percebera esse novo tipo ao retornar aos Estados Unidos nos anos 1990.

A definição ideológica do bobô é mais complexa do que categorias como “esquerda” ou “direita” podem expressar, afirma o autor. O bobô é bem preparado para ter sucesso no mundo dos negócios, mas é igualmente preocupado com o meio ambiente e tem posições progressistas no que se refere a comportamento civil: em geral, apoia a descriminalização da maconha, a união entre homossexuais, a igualdade de gênero, entre outras bandeiras dos movimentos sociais. Mas é igualmente a favor do mercado e tem ambições profissionais que os vinculam lealmente às empresas onde trabalham.

Essas definições, evidentemente, são frouxas o suficiente para englobar todo tipo de pessoa com perfil universitário residente nos centros urbanos. Em Paris, ela passou a definir um tipo culto, individualista, alguém que domina as linguagens tecnológicas, se veste com apuro, mas ao mesmo tempo possui uma visão crítica da vida acelerada das grandes cidades, e busca residência em áreas consideradas “autênticas” no sentido de expressarem modos de vida mais sustentáveis. Sem abrir mão de seus aparatos tecnológicos e bens de consumo que, de certo modo, contradizem os hábitos que eles próprios valorizam.

A dicotomia que Brooks reúne na expressão bobô é extremamente problemática. Para começar a ideia de uma oposição entre os dois tipos é questionável. O boêmio não é o extremo oposto do burguês. Se formos considerar o nascimento deste último na tradição ocidental junto com a modernidade, veremos que o boêmio tem mais um papel de *enfant gâté*, um filho de papai, que se rebela contra o sistema, mas não o recusa totalmente. No fim, aceita-o e sofre a melancolia que afoga na bebida e na vida de bar. No caso brasileiro, poderíamos dizer que o verdadeiro contraste ao burguês é o malandro. Este sim, uma figura fora do sistema, que, em geral, acaba massacrada por sua resistência.

No entanto, como expressão nativa, em Aligre, a expressão é usada por residentes antigos do bairro para se referir à leva de moradores que nos últimos 10 a 15 anos começaram a se instalar na região. Eles implicam um paradoxo social muito bem observado por Chalvon-Demersay (1984), em sua etnografia sobre o *XIV^{ème} arrondissement* de Paris. A chegada desses novos residentes

provoca mudanças na morfologia social do bairro não só pelos novos costumes que eles introduzem, com hábitos e demandas de consumo distintos, o que gera modificações no comércio de proximidade. Do mesmo modo, provocam o aumento do custo de vida, sobretudo nos preços relativos à habitação. Trata-se do que, na Ecologia Humana, definiu-se como invasão, sucessão e transformação, um processo complexo, porém extremamente comum nos centros urbanos.

O bairro originalmente foi ocupado por trabalhadores manuais, em geral marceneiros, e, ao longo do século passado, foi sendo ocupado por imigrantes de origem magrebina, sobretudo argelinos que ali se instalaram após a guerra de independência da Argélia. A área, relativamente barata, atraiu residentes de renda modesta, e manteve no bairro um ar bucólico, que gira em torno do *Marché d'Aligre*, um mercado medieval, que se tornou o epicentro do *quartier*. Ao seu redor, há toda sorte de comércio de proximidade, especialmente cafés, bistrôs, restaurantes, livrarias, padarias, peixarias, quiosques de revistas e jornais, tabacarias, entre outros.

Com a chegada dos bobôs, houve uma especialização do comércio, com padarias especiais, com produtos naturais; as livrarias se especializaram, como, por exemplo, em arquitetura e urbanismo; o mercado ganhou lojas específicas de um só produto, como azeites de vários tipos ou queijos de cabra, açougues de carnes de caça, variados tipos de chocolate e cacau, entre outros. Aos domingos, há uma grande movimentação na área, atraindo pessoas de outros bairros, que aproveitam as compras para almoçar ou simplesmente desfrutar do bairro, bebendo uma taça de vinho ou um copo de cerveja. O número de turistas e visitantes, nem sempre apreciados pelos residentes, cresce a cada ano, e o Aligre, que era relativamente desconhecido, vai cada vez mais se tornando um bairro turístico.

As associações de bairro, como a *Commune Libre d'Aligre*, têm um desempenho político organizado em torno das demandas de determinados grupos de residentes, realizando toda sorte de atividades sociais, como festas, debates, projeções de filmes, petições, organizações de protestos, jardins comunitários entre outros. Os residentes de origem magrebina, no entanto, raramente se engajam nas atividades das associações, permanecendo relativamente isolados.

CONCLUSÃO

As pesquisas de campo apresentadas neste artigo revelam formas originais como as populações lidam com fenômenos urbanos, como o aburguesamento de bairros, classificado atualmente pelo conceito de *gentrification*. As razões dialéticas que põem em marcha tais mudanças fazem parte da realidade das metrópoles, como bem assinalaram os estudos de Ecologia Humana. A cidade está em constante transformação. Em algumas áreas vê-se formação de favelas, em outras, aburguesamento. Outras ainda perdem seu caráter de zona de comércio para se transformarem em área industrial, ou vice-versa. O planejamento urbano de caráter racionalista e centralizador, que predominou ao longo do século XX, focando no escoamento de trânsito e no embelezamento de áreas de interesse, associou-se ao mercado imobiliário para “vender” modelos de vida na cidade.

Sucedem que as populações, que quase sempre têm pouca voz nos processos decisórios envolvendo reformas urbanas, alteram, pervertem, transformam os planos dos nossos “deuses” arquitetos e urbanistas, com seu uso cotidiano do bairro e suas formas de sociabilidade. Os exemplos de Botafogo, Aligre e PLG, assim como os de Catumbi e Selva de Pedra, mostram que esses processos têm sua forma definida no plano das vivências cotidianas, das quais, não raro emergem formas originais e inovadoras.

REFERÊNCIAS

1. BALSTON, Catherine. “Botafogo, the in-between neighbourhood, making its mark on Rio”. *The Guardian*, 21 march 2015.
2. BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1999.
3. BROOKS, David. *Les Bobos, Les bourgeois bohèmes*. Paris: Florent Massot, 2000.
4. CEFAÏ, Daniel. “Qu’est-ce qu’une arène publique? Quelques pistes pour une perspective pragmatiste”. In: CEFAÏ, Daniel et JOSEPH, Isaac (eds.). *L’héritage du pragmatisme*. La Tour d’Aigues: Éditions de l’Aube, p. 51-83, 2002.

5. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2003 (ed. orig. 1980).
6. CHALVON-DEMERSAY, Sabine. *Le triangle du XIV^{ème}. De nouveaux habitants dans un vieux quartier de Paris*. 2^a édition. Paris: Édition de la Maison des Sciences de l'Homme, 1998 (ed. orig. 1984).
7. DOUGLAS, Mary. *Purity and Danger: An Analysis of Concepts of Pollution and Taboo*. London: Routledge, 1966.
8. GLASS, Ruth. *Introduction to London: Aspects of Change*. London: Center for Urban Studies, 1963.
9. GOFFMAN, Erving. *Behavior in Public Places: Notes on the Social Organization of Gatherings*. New York: The Free Press. 1963.
10. _____. *Interaction Ritual: Essays on Face-to-Face Behavior*. New York: Pantheon Books. 1967.
11. _____. *A representação do eu da vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1999.
12. JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
13. JOSEPH, Isaac. *Erving Goffman e a microsociologia*. Rio de Janeiro: FGV. 2000.
14. LEMOS, Renato. “Botafogo, o bairro que se renova: Opções gastronômicas e culturais fazem surgir o SoHo carioca”. *Revista O Globo*, 21 setembro 2014.
15. MELLO, Marco Antonio da Silva. “Selva de Pedra: Apropriações e reapropriações dos espaços públicos de uso coletivo no Rio de Janeiro”. In: ESTERCI, Neide, FRY, Peter. GOLDENBERG, Mirian (orgs.). *Fazendo antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, p. 205-228, 2001.
16. _____. CUNHA, Neiva Vieira da. “A UPP e o processo de urbanização na favela Santa Marta: notas de campo”. In: MELLO, Marco Antonio da Silva. SILVA, Luiz Antonio Machado da. FREIRE, Leticia de Luna. SIMÕES, Soraya Silveira (orgs.). *Favelas cariocas: Ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.
17. PARK, Robert Ezra. “A cidade: Sugestões para investigação do comportamento humano no meio urbano”. In: VELHO, Otávio (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 29-72, 1967.
18. _____. “Sucessão”. In: PIERSON, Donald (org.). *Estudos de Ecologia Humana*. São Paulo: Livraria Martins, p. 316-338, 1970.
19. PIERSON, Donald (org.). *Estudos de ecologia humana — Tomo I de Leituras de sociologia e antropologia social*. São Paulo: Livraria Martins, 1970.
20. PIRES, Lenin. *Esculhamba, mas não esculacha! Uma etnografia dos usos dos trens da Central do Brasil*. Niterói: EdUFF, 2011.

21. RISÉRIO, Antonio. *A cidade no Brasil*. São Paulo: 34, 2012.
22. SANTOS, Carlos Nelson F., VOGEL, Arno e MELLO, Marco Antonio da Silva (coords.). *Quando a rua vira casa: A apropriação de espaços de uso coletivo em um Centro de bairro*. Rio de Janeiro: Convênio IBAM/FINEP, 1981.
23. SIMÕES, Soraya Silveira. *Histoire et ethnographie d'une cité de Rio: La Cruzada São Sebastião*. Paris: Éditions Karthala, 2010.
24. THÉVENOT, Laurent e BOLTANSKI, Luc. *De la justification: les économies de la grandeur*. Paris: Éditions Gallimard, 1991.
25. THIAGO DE MELLO, Pedro Paulo. "Botafogo e Aligre: Sotaques da gentrificação". In: KANT DE LIMA, Roberto, MELLO, Marco Antonio da Silva e FREIRE, Leticia de Luna (orgs.). *Pensando o Rio: Políticas públicas, conflitos urbanos e modos de habitar*. Niterói: Intertexto, p. 97-134, 2015 (no prelo).
26. TOLBERT, Tolonda M. "Occupation of the Crossroads: Negotiation of Identity in Contested Spaces of Urban Development". In: MONCHEDJIKOVA, Blagovesta M. (ed.). *Captured by the City: Perspectives in Urban Culture Studies*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, p. 119-133, 2013.
27. VENTURA, Zuenir. *Cidade partida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
28. VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor e UFRJ, 1999.
29. ZELAYA, Ivy. *Valeu, passista! Samba de Botafogo: registro e memória*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2015.